

5a. PARTE — TRANSCRIÇÕES

O CARTEIRO E O PÃO

José Hélder de Souza

“O Pão” chegou-me, ontem de manhã, pelo correio.

Ora, direis, carteiros não entregam “O Pão”, quem o traz são os padeiros.

Este, retruco eu, é “O Pão” do espírito, impresso e encadernado. Foi-me endereçado pelo Reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto, da Universidade Federal do Ceará que, em combinação com o presidente da Academia Cearense de Letras, Cláudio Martins e o Prefeito de Fortaleza, Lúcio Alcântara, mandaram fazer-lhe uma edição fac-similar, com uma devida introdução do crítico e historiador literário Sânzio de Azevedo.

Vamos folheá-lo, romper-lhe a casca, chegar-lhe ao miolo, saboreá-lo. Tirada a primeira casca ficamos vendo: “O Pão” (da Padaria Espiritual) foi o jornal da agremiação literária mais original surgida em Fortaleza, Ceará, em maio de 1982, numa festa realizada no Café Java: a Padaria Espiritual na qual reuniu-se a “jovem guarda” das letras cearenses de então, contando-se entre eles o romancista e poeta Antônio Sales, Lívio Barreto, um dos primeiros poetas simbolistas do Ceará; Adolfo Caminha, romancista de nome nacional; Rodolfo Teófilo, romancista dado à pesquisa científica; José Nava que, se não nos deu obra literária vasta, deixou-nos o memorialista notável, Pedro Nava; Cabral de Alencar, Lopes Filho, Henrique Jorge, músico, Luís Sá, desenhista, e mais uns trinta poetas, prosadores e artistas.

A originalidade maior da “Padaria Espiritual” residia nos seus traços nacionalistas e na sua própria estrutura organiza-

cional. Seus sócios, ou melhor **padeiros** e **amassadores**, tinham dois nomes: o verdadeiro e um cognome de sabor **pilhérico**, grande parte deles com nomes de bichos e árvores brasileiras. Como, por exemplo, Antônio Sales que apossou-se do nome do filho de Iracema — Moacir — e o de uma planta muito comum na caatinga sertaneja — Jurema; Adolfo Caminha, lembrando-se dos tempos de Escola Naval, intitulou-se **Félix Guanabario**. Havia ainda um Cariri Braúna — índio e árvore — na realidade José Carvalho e um Inácio Mongubeira, em verdade Gastão de Castro.

Ao ser fundada, a Padaria Espiritual apresentou um programa com itens reveladores da vontade daqueles moços de renovar as letras do Ceará. O programa como que estabelecia as normas para a realização literária dos membros do grupo e um deles proibia simplesmente o tom oratório, “sob pena de vaia”. Outro vedava o uso de palavras estranhas à língua vernácula. Outro mais, numa atitude anti-acadêmica, impedia referência ao célebre poeta fancês Malherbe e às rosas de seus versos. Por fim seria “julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falasse de animais ou plantas estranhas à Fauna e à Flora Brasileira, como — cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, e etc.”

A agremiação era dirigida por um “Padeiro-mór” fazendo as vezes de presidente, dois “Forneiros” como secretários e um “Guarda-livros”, na verdadeira acepção do termo, para dirigir a biblioteca. Com estas características tão singulares a Padaria Espiritual chamou a atenção dos literatos do resto do Brasil.

Saboreando este “Pão”, novamente tão bem amassado e torado na Imprensa Universitária da Universidade do Ceará, vamos reencontrando nomes destacados da época mandando “encômios” aos padeiros por tão feliz idéia. Lá estão Bilac, Raymundo Correia, Pardal Mallet, Coelho Neto, Eça de Queiroz e todo um desfile de nomes inesquecíveis ali guardados em crônicas, artigos, sonetos, contos. “O Pão” foi saudado Brasil a fora pelo “Jornal do Brasil”, “Jornal do Commercio”, “O Paiz”, “Gazeta de Notícias”, do Rio; “Renascença”, da Bahia; “Pacotilha”, do Maranhão, e “Jornal do Commercio”

de Recife. Todos louvando como louvo agora este “Pão” tão doce, para ficarmos por aqui mesmo, se não vamos indigestar de tanta massa literária.

(Transcrito do “Boletim Mercantil de Pernambuco, Brasília, junho/1982)